



# **Eram os Deuses Astronautas?**

*Erich von Däniken*

## **APRESENTAÇÃO**

*(JOÃO RIBAS DA COSTA)*

**Jung e seus discípulos parecem acreditar que certas recordações cósmicas tem sido transmitidas de geração em geração e influenciam, até hoje, os sonhos dos homens.**

**Por outras palavras: em maior ou menor grau, cada ser humano leva consigo a memória da espécie. Quase totalmente inibida, manifesta se parcial e esporadicamente em sonhos, revelando se mais ativa, e de maneira muito especial, em determinadas pessoas.**

**Nessa ordem de idéias, seriam exemplos de tais indivíduos excepcionais e privilegiados homens como Platão, Leonardo Da Vinci, Dante, Swift ou Vítor Hugo. As revelações de Platão sobre a discutida Atlântida; as estupendas realizações de Da Vinci, que o colocaram muito à frente de sua época; a minuciosa descrição do Cruzeiro do Sul, feita por Dante 200 anos antes que os navegadores da Renascença vissem, pela primeira vez, aquela constelação; a enumeração dos satélites de Marte, a especificação de suas dimensões e de suas órbitas peculiaríssimas, 150 anos antes que Asaph Hail os descobrisse; os combates e outras peripécias de gigantes, que integram La Légende des Siécles... tudo isso não seria produto genial de vivíssima imaginação mas apenas aproveitamento de memórias atávicas, particularmente claras, de um passado cujos registros na maior parte se perderam.**

**Mas, por todo o globo terrestre, avultam vestígios muito mais concretos do que simples sonhos, e que gritantemente nos afirmam a realidade de um maravilhoso passado a recordar. São monumentos e realizações que a História conhecida absolutamente não explica e, muito menos, justifica: a origem e a finalidade de Stonehenge; as características incríveis da Pirâmide de Quéops, e os insondáveis propósitos de seus construtores; os misteriosos balizamentos de 250 metros de altura, entalhados, em altas penedias do Pacífico oriental; os maravilhosos calendários maias; objetos de platina ou alumínio, velhos de milhares de anos, que não poderiam ter sido fabricados sem certas técnicas só agora disponíveis; relatos, inscrições, relevos em pedra, cuja substância e significado somente o progresso das últimas décadas permite interpretar... E tantos outros mistérios que desnecessário seria enumerar porque deles estão cheias as páginas deste interessantíssimo livro.**

**Tem se a nítida impressão de que, da longa História Humana, só se conhece uma parte muito curta, a mais recente... o último volume: os primeiros se perderam, ou não chegaram a ser escritos, o que é improvável. Para dizer a verdade, não se trata apenas de uma impressão, mas de certeza, pois se sabe, por outras fontes, cientificamente aceitas, que o Homo sapiens existe há dezenas de milhares de anos, dos quais a História só registra, e muito insatisfatoriamente, os últimos seis milênios.**

**O passado desconhecido sempre despertou intensa curiosidade, mas, também, acalorados debates. Já Aristóteles, contemporâneo de Platão, mas muito mais moço que ele, considerava puro mito a decantada Atlântida. Isto não impediu que o relato chegasse até nós, como não arrefeceu a discussão do assunto no correr do tempo. Há atualmente mais de 2.000 livros e 25.000 folhetos ou artigos dedicados exclusivamente a essa suposta, ou real, civilização perdida.**

A investigação pré-histórica é hoje mais empenhada e mais dinâmica do que em qualquer outra época, porque as notáveis realizações da tecnologia moderna curiosamente vêm fornecendo pistas cada vez mais nítidas do caminho a palmilhar na interpretação dos estranhos registros que nossos antepassados perpetuaram na rocha viva.

O livro "Eram os Deuses Astronautas?" não pretende certamente substituir os volumes iniciais perdidos da História Universal. Mas é uma provocação irresistível ao debate. É um corajoso desafio aos especialistas dos vários ramos da Ciência, no sentido de que enfrentem juntos, de uma vez por todas, as inumeráveis provas de que muito aconteceu na Antigüidade e a História não registra, e lhes encontrem a verdadeira significação, seja ela qual for. Só assim poderemos, afinal, saber ao certo o que fomos e o que realizamos no passado longínquo. Saberemos, então, como, quando, em que e por que fracassamos em certo momento, a ponto de destruir, aparentemente da noite para o dia, todo o arcabouço da civilização sobre a Terra.

Ao fazê-lo, não estaremos apenas satisfazendo uma natural curiosidade. Mais que isso, redescobriremos, talvez, imenso patrimônio científico, possivelmente uma diferente estrutura mental, e até, - quem sabe? - maravilhosas técnicas, mais simples, mais eficientes e menos dispendiosas que as atuais. E - last but not least - talvez encontremos, nas convulsões fatais desse passado agora morto, as lições de que tanto precisamos, para mais seguramente evitar catástrofes semelhantes no futuro.

A iniciativa de editar e apresentar este livro no Brasil certamente não implica uma tomada de posição, mas consubstancia o propósito de contribuir para participação muito mais ampla neste apaixonante debate.

Pode se recusar a tese do autor: é direito que assiste a qualquer um. Mas, em matéria de tal relevância - pois é a História passada e futura de nossa espécie que está em jogo - não basta rejeitar as hipóteses dos que têm a capacidade e a coragem de as formular: cumpre, também, pesquisar, imaginar e defender sucessivamente novas hipóteses que se afigurem melhores... até que um dia se consiga encontrar a Verdade.

Nesta obra, von Däniken cita algumas passagens da Bíblia que considera relacionadas com sua tese. Entretanto, não as erige em argumentos comprobatórios, no que aliás faz muito bem, porque os Livros Sagrados não são, nem jamais pretenderam ser, fontes de informações científicas.

Na abertura do Capítulo IV, o autor diz textualmente que "a Bíblia certamente tem razão". Este é o ponto de vista de von Däniken que o leitor deverá ter em mente, ao longo do livro, especialmente diante de citações ou comentários que o autor, por amor à brevidade, não desenvolve mais profundamente.

Algumas de suas considerações, na aparência irreverentes, em realidade não o pretendem ser, e de fato não são. As mais autorizadas escolas modernas de exegese - como, por exemplo, L'École Biblique de Jérusalem, dirigida por eminentes exegetas católicos - admitem, sem hesitação, que o livro do Gênese, assim como os demais do Pentateuco, não pode ser totalmente atribuído a Moisés. Neles se pode seguir mais ou menos claramente o fio de quatro tradições diferentes - a javista, a eloísta, a deuteronomista e a sacerdotal - todas respeitadas e integradas naqueles livros por numerosos colaboradores anônimos, desde a era mosaica até os tempos de Exílio.

Essas e outras circunstâncias semelhantes explicam as repetições e os trechos discordantes efetivamente encontrados naqueles livros, cujo valor religioso não diminuem, antes robustecem, porquanto, malgrado as características que as distinguem, as várias tradições registram essencialmente a mesma substância, têm uma Origem certa e comum a todas elas, que remonta diretamente a Moisés.

O episódio dos "filhos de Deus", que se casaram com "filhas dos homens", citado pelo autor, é de tradição javista e considerado, pelos exegetas, como de difícil compreensão. Os autores sagrados se referem a uma lenda popular sobre gigantes (os "Nephilim", que seriam OS Titãs Orientais), nascidos da união entre mortais e seres celestes. O judaísmo mais tarde e quase todos os primeiros escritores da Igreja primitiva interpretaram como "anjos culpados" a expressão "filhos de Deus". Só a partir do IV século, em função de um conceito mais espiritual da natureza angélica, a literatura patrística começou a ver os "filhos de Deus" como a linhagem piedosa de Set, e os "filhos dos homens" como a descendência depravada de Caim.

Em conseqüência, a interpretação deste episódio, que von Däniken esboça, não contradiz a Bíblia e é até mais inocente que a inicialmente formulada pelos primeiros Padres da Igreja.

"Eram os Deuses Astronautas?" fez grande sucesso na Alemanha, onde foram vendidos mais de 300.000 exemplares, entre fevereiro de 1968 e junho de 1969. Já foi publicada a edição inglesa em Londres, a francesa em Paris, e o livro está sendo traduzido para vários Outros idiomas.

Dada a repercussão que tem causado nos mais cultos países europeus, e tendo se em vista que no Brasil não se poupa esforço no sentido de ombrear em todos os campos com as nações mais adiantadas do mundo, é de se esperar que este provocante livro será recebido com interesse e entusiasmo pela grande maioria dos leitores brasileiros.

São Paulo, dezembro de 1969

JOÃO RIBAS DA COSTA

# APRESENTAÇÃO

(PROFESSOR FLÁVIO A. PEREIRA)

**ESTE LIVRO, para ser escrito - informa Erich von Däniken, na Introdução - precisou mobilizar uma grande coragem, "igualmente indispensável a qualquer um que viesse a lê-lo".**

**E que dizer de quem se dispusesse a prefaciá-lo?...**

**Däniken, ao longo dos seus doze capítulos, propõe nos cerca de 323 interrogações. É o quanto basta para situar a obra no rol dos livros polêmicas.**

**Acontece, porém, que os tempos são de revisão e contestação, de A até Z. O momento cultural é de franca e progressiva efervescência em todos os setores de todas as ciências, da matéria e do espírito, do corpo e da sociedade, da história e do instinto. Em particular, estes são anos de profundas modificações das antigas interpretações da Pré-História e Arqueologia, História Sagrada e Exegese Bíblica.**

**Pois surgiu, nos horizontes da contemporaneidade, uma nova espécie de Gnose, que vai crescendo com o estudo do realismo fantástico, do "impossível", do "absurdo", do "anômalo", do "incongruente".**

**(Mas quem não sabe que a Ciência oficial, vez por outra, tem criado obstáculos ao progresso científico? Quem não aprendeu que Galileu foi condenado? Édison apedrejado? Ford combatido? Santos Dumont menosprezado? Von Braun excomungado? Mendel marginalizado?... O Congresso da Sociedade para o Progresso da Ciência não chegou a declarar, em 1897, que o bisão desenhado na caverna de Mouthe, descrito pelo ilustre Emile Rivière, havia sido desenhado fraudulentamente pelo rapazelho dordonhês que descobriu a gruta?..)**

**Os nossos são dias, na verdade, de maravilhosos prazeres intelectuais. A presença de homens na Lua, homens de carne, osso e sexo, e não apenas de míticos personagens ou de literárias criaturas teve o condão de transformar a cultura, transtornando os próprios cientistas!**

**A Astronáutica veio constituir um como que hormônio de poderoso efeito convertendo, a cultura pré-Cosmonáutica numa sadia atitude de enfrentar, denodadamente todo e qualquer problema - a começar pelo da reação dos meios ortodoxos.**

**Não leia, o leitor, este livro, como se fora mais uma ficção científica. Não confunda as categorias em que se dividem os livros que, de uma forma ou outra, se relacionam com os campos científicos. Há três grandes espécies de livros ligados a esta esfera: livro de Ciência (ciência consagrada, ciência feita, ciência ortodoxa, ciência adotada), livros de ficção científica (exploração sistemática do possível, invenção livre circunscrita aos cânones não da Fabulística, mas da Futurologia) e livros de especulação científica (estudos e indagações teóricas em torno do discutível ou inexplicado no âmbito da ciência oficialmente instituída como tal).**

**A especulação científica não é contrária à Ciência; muito menos pretende tomar-lhe o lugar. Mas também não se submete servilmente a postulados "consagrados"; isto seria frontalmente contrário à natureza da atitude especulativa, além de que a Ciência, por mais ortodoxa que seja, vez por outra é forçada a substituir seus próprios conceitos, até então considerados inabaláveis e definitivos.**

O livro de Däniken pertence à categoria das obras especulativas. Ainda não é, nem pretende ser "ciência". Mas é visando ao progresso da Ciência que se atira com entusiasmo às mais arrojadas especulações.

Para edificação dos leitores apontarei, a seguir, alguns fatos autênticos que convém conhecer a fim de que Däniken não seja injustificado...

1. Em 1964, o Doutor J. Mellaart, que dirige o Instituto Arqueológico de Ankara, descobre em Chatal Huyuk, na Anatólia, vestígios de cidades que vieram revelar uma civilização de 7 a 8.000 anos antes de Cristo. (Todos sabemos: a época em que se originou a civilização jamais cessou de ser datada cada vez mais para trás, à medida que a Arqueologia ia progredindo. Se Champollion situara essa data no marco inicial do Egito Faraônico - há 5 ou 6.000 anos - com a descoberta (105 sumérios a História Humana veio recuar de mil anos. Em 1954, estávamos na conta dos 7.000 anos. Desde então, as descobertas se foram sucedendo, e o grande recuo cronológico continua!)

2. Por outro lado, de acordo com o Doutor Alexandre Marshack, de Nova York, os homens das cavernas já anotavam suas observações astronômicas há... 35.000 anos! Numerosos vestígios - escreve o grande pré historiador - considerados como manifestações artísticas do Paleolítico Superior e do Mesolítico, "são, na verdade, registros astronômicos"! (Querem subversão maior do que essa?) Motivos pictóricos descobertos em restos pertencentes às culturas magdaleniana e aurignaciana, interpretados até 1965 como tendo significação religiosa ou mágica, são, contudo, consignações de observações científicas (!) da esfera celeste. "O conhecimento da esfera celeste, pelas grandes civilizações do passado, constitui um dos principais enigmas da Arqueologia contemporânea", pontifica o Dr. Marshack.

3. E por falar em cavernas, convém trazer a lume o Professor Leroi Gourban, cuja opulenta e erudita "Pré-histoire de l'art occidental", publicada em 1965, com suas 739 fotografias deslumbrantes, veio provocar outra revolução na Pré-História, pois demonstrou que os desenhos e pinturas das cavernas não estão ligados apenas à magia da caça: "são símbolos masculinos e femininos complexísimos". A Humanidade Pré-Histórica possuía a sua própria Simbologia Cósmica. A Caverna se organizava em função de uma Metafísica ainda d e s c o n h e c i d a

4. No mesmo e fatídico ano de 1965, outro erudito, Doutor Geraid Hawkins, professor de Astronomia na Universidade de Boston, edita o decisivo livro "Stonehenge decoded" em que revela a mais estarrecedora das conclusões. Graças a um computador eletrônico, descobrira Hawkins que o famoso monumento megalítico de Stonehenge, de idade estimada em 4.000 anos, tinha sido um autêntico e versátil observatório astronômico, construído (por quem? com que instrumentos?) entre os anos de 1850 e 1700 antes de Cristo. "A pré-história oficial ou acadêmica ensina que as Ilhas Britânicas, naquele tempo, tinham sido habitadas por povos subdesenvolvidos em comparação com as adiantadas civilizações mediterrâneas contemporâneas." Conflito nevrálgico na Ciência Histórica! Stonehenge é uma pedra gigantesca não apenas na paisagem britânica, como, e sobretudo, no sapato dos pré historiadores ortodoxos...

5. No ano seguinte 1966 o Doutor Charles H. Hapgood, professor da Universidade Estadual de Keene, E.U.A., publica outra revolucionária brochura: "Maps of the Ancient Sea Kings: Evidence of Advanced Civilization in Ice Age!". Relata a importantíssima descoberta das primeiras provas testemunhais da existência de uma civilização anterior a todas as conhecidas até agora. O livro de Hapgood veio coroar sete anos de pacientes pesquisas e de contínua permuta de informações com sumidades na matéria e especialistas em outros ramos das ciências. E eis o que pode ser do maior interesse para o leitor: as contundentes pesquisas de Hapgood haviam sido estimuladas pelas surpreendentes teses de Arlington Mallery a respeito do misterioso Mapa de Piri Reis (de que Erich von Däniken trata no Capítulo III do presente livro). "Há dez mil anos, pelo menos, floresceu uma adiantadíssima civilização, anterior à última glaciação, sendo plausível admitir que seu foco de irradiação tivesse se localizado, nada mais nada menos, do que no continente antártico!" (Se algum

**pais criasse uma NASA para conquistar a Antártica a despeito do Tratado Internacional restritivo e viesse a empreender ali um ativo programa de pesquisa arqueológica, na década de 70 viriam à luz fatos mais estarrecedores do que poderia ser, por exemplo, a descoberta, digamos, de uma ferramenta na Cratera de Fra-Mauro, pelos tripulantes da Apolo 13... Entenderam a comparação?)**

**6. Mas temos mais. Em 1968, o escritor russo Mexandre Gorbovsky, em livro de apaixonante conteúdo, propôs arrojadíssima tese histórica: "As grandes civilizações básicas, tanto do Velho Mundo quanto da América, desenvolveram-se a partir de um patrimônio comum, vestígio das primeiras civilizações universais brutalmente desaparecidas". Gorbovsky menciona algumas peças do imenso quebra cabeça:**

- na língua falada pelas castas inferiores do povo inca havia pelo menos mil raízes sânscritas;**
- a julgar pela análise serológica de fragmentos musculares de múmias incas, esse povo pertencia ao grupo sanguíneo "A", absolutamente desconhecido na América até a chegada dos espanhóis, no século XVI;**
- os chineses, há mais de mil e seiscentos anos, conheciam e aplicavam o fenômeno da eletrólise;**
- textos da Índia, de 3.000 anos de idade, falam numa espantosa arma cuja descrição evoca, a nós, a bomba atômica;**
- e, para completar, os russos descobriram na mesma Índia um esqueleto humano de 4.000 anos, portador de radioatividade superior em 50 vezes o ambiente, tudo indicando que o indivíduo havia consumido alimentos contaminados com radioatividade 100 vezes maior que a média ordinária! (Explosões nucleares na Antigüidade? Aqui a nova Gnose resolutamente invade o campo da Física Nuclear e da Tecnologia do Átomo, da Ciência ortodoxa de nossos dias).**

**É construtivo destacar quem prefaciou o livro de Gorbovsky: o Professor J. B. Fedorov, da Academia Soviética. Mais ainda, é instrutivo reter o que escreve Fedorov ali: "Os poetas e os cépticos são igualmente indispensáveis à Ciência. Quanto ao cientista, tem ele o direito de construir hipóteses audaciosas e de correr riscos".**

**Erich von Däniken, pois, não está sozinho. Não importa que não seja um clássico erudito, um arqueólogo de profissão ou um sábio exegeta bíblico. Estamos diante de um jornalista. Só? Não. De um jornalista honesto, bem informado e, sobretudo, muito inteligente. (Audacioso seria redundante falar.)**

**Como presidente da Associação Brasileira de Estudo das Civilizações Extraterrestres (ABECE), dou meu aval a Erich von Däniken. Muitos, certamente, dele discordarão. Mas este é um livro para gente que deseja se preparar para a Grande Revelação do decênio 70!**

**São Paulo, novembro de 1969**

**PROFESSOR FLÁVIO A. PEREIRA**

# INTRODUÇÃO

Para escrever este livro, foi necessário mobilizar uma grande coragem que será igualmente indispensável para que alguém o leia. As teorias e provas, que ele contém, não se ajustam à Arqueologia tradicional, tão laboriosamente desenvolvida e tão solidamente cimentada. Os especialistas do ramo não o levarão a sério ou o colocarão na lista negra das obras que melhor seria não mencionar. De sua parte, os leigos preferirão encaramujar-se em seu mundo familiar quando verificarem que a descoberta do passado envolve maiores mistérios e requer mais audácia que uma antevisão do futuro.

Não obstante, uma coisa é certa: há algo de errado no passado longínquo, que dista de nós milhões e milhões de anos. Esse passado repleto de deuses desconhecidos, que visitaram a Terra primitiva em espaçonaves por eles tripuladas...

Incríveis realizações técnicas se concretizaram em tempos antiquíssimos, cujo patrimônio tecnológico, imensamente rico e variado, só parcialmente se redescobriu até agora.

Há algo errado em nossa Arqueologia! Porque estamos encontrando acumuladores elétricos que datam de muitos milhares de anos. Porque nos defrontamos com seres estranhos, que usam trajes espaciais com fechos de platina. Porque achamos números com quinze casas e nenhum computador os colocou ali. Mas de que maneira aqueles homens primitivos puderam adquirir a capacidade de criar tantas coisas inacreditáveis?

Há algo errado também no campo da religião. Em regra, todas elas prometem ajuda e salvação à humanidade. Os deuses primitivos fizeram igualmente as mesmas promessas. Por que não as cumpriram? Por que usaram armas avançadíssimas para combater atrasadíssimos povos? E por que planejaram seu aniquilamento?

Familiarizem nos com a perspectiva de que nosso mundo de idéias, forjado e desenvolvido durante milênios, está para desmoronar. Poucos anos de acurada pesquisa foram suficientes para arrasar os redutos mentais em que tranqüilamente vivíamos. Conhecimentos até há pouco escondidos em bibliotecas e arquivos de sociedades secretas estão sendo agora revelados. A era das conquistas espaciais já não comporta segredos. As incursões no espaço, que visam a descoberta de outros corpos celestes, também nos levam ao passado longínquo. Deuses e sacerdotes, reis e heróis emergem de trevas abissais... Podemos intimá-los a desvendarem seus segredos, pois temos meios de tudo descobrir sobre nosso passado, sem quaisquer hiatos, se a isso realmente nos dispusermos.

Modernos laboratórios devem tomar a seu cargo toda pesquisa de natureza arqueológica. Os arqueólogos devem examinar com aparelhos hipersensíveis de medição as áreas em que se desenvolveram civilizações há muito tempo extintas.

Sacerdotes, que buscam a verdade, tem de voltar, uma vez mais, a duvidar de tudo quanto está firmemente estabelecido.

Os deuses do nebuloso passado deixaram inumeráveis pistas que só hoje podemos decifrar e interpretar, pela primeira vez, porque o problema das viagens interplanetárias, tão característico de nossa época, já não era problema, mas realidade rotineira, para homens que viveram há milhares de anos. Pois eu afirmo que nossos antepassados receberam visitas do espaço sideral na mais recuada Antigüidade embora não me seja ainda possível determinar a identidade dessas inteligências extraterrenas, ou o ponto exato de sua origem no Universo. Não obstante, proclamo



**que aqueles "estranhos" aniquilaram parte da humanidade existente na época e produziram um novo senão o primeiro Horno sapiens.**

**Esta afirmativa é revolucionária. Abala até os alicerces um arcabouço mental que parecia tão solidamente construído. Meu objetivo é tentar fornecer provas de sua veracidade.**

**ERICH VON DÄNIKEN**

# CAPÍTULO I

Há outros seres inteligentes no Cosmo?

*Há inteligência extraterrenas?*

*É possível vida sem oxigênio?*

*Há vida em ambientes que seriam letais para o homem?*

**SERÁ ADMISSÍVEL** que nós, habitantes deste mundo do século XX, não somos os únicos entes vivos, de espécie semelhantes, em todo o Universo? "A Terra é o único corpo celeste que abriga seres semelhantes a nós" - eis a resposta que parece correta e convincente, uma vez que nos museus ainda não há qualquer homúnculo extra terreno, exposto a nossa visita. Entretanto, uma floresta de pontos de interrogação se agiganta cada vez mais, à medida que estudamos, com maior profundidade, os resultados das mais recentes pesquisas.

De acordo com os astrônomos, umas 4.000 estrelas podem ser percebidas à vista desarmada, numa noite serena. Já a luneta de modesto observatório astronômico traz quase dois milhões delas ao alcance da visão, enquanto moderno telescópio de espelho refletor aproxima a luz de bilhões de sóis - miríades de pontos de luz na Via Láctea. Mas, nas dimensões ilimitadas do Cosmo, esse nosso conjunto de estrelas é parte insignificante de um sistema estelar incomparavelmente maior um conglomerado de vias-lácteas, poder se ia dizer contendo cerca de vinte galáxias dentro de um raio de 1,5 milhão de anos luz (um ano luz é igual à distância que a luz percorre em um ano, isto é, 300.000 x 60 x 60 x 24 x 365 quilômetros, ou sejam, nove e meio trilhões de quilômetros, aproximadamente).

Embora vastíssimo, esse número de estrelas é ainda muito pequeno, em comparação com o que contém muitos milhares de galáxias espiraladas que o telescópio eletrônico revelou. Isto é apenas o que se descobriu até agora, devo ressaltar, porque as pesquisas nesse campo mal começaram.

O astrônomo Harlow Shapley calcula que há cerca de  $10^{20}$  estrelas ao alcance de nossos atuais telescópios (numeral 1 seguido de 20 zeros isto é, 100 quintilhões de estrelas). Quando Shapley atribuiu sistema planetário a apenas uma, em cada grupo de mil estrelas, temos de admitir que estabelece proporção muito cautelosa. Se continuarmos a especular com base nessas estimativas, imaginando a existência de condições indispensáveis à vida numa só estrela em cada mil que centralizarem sistemas planetários, ainda encontraremos uma cifra fantástica  $10^{14}$ . Pergunta Shapley: Quantos corpos celestes, nesse número astronômico, possuirão atmosfera apropriada à vida? Um em mil? Isso ainda nos garantiria o número incrível de  $10^{11}$  astros portadores dos requisitos necessários à vida. Embora se conjecture que a vida se produziu num só desses astros em cada milhar, ainda assim restam cem milhões de planetas em que podemos admitir a existência de

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

